

Através da Resolução 70/212 da Assembleia Geral das Nações Unidas, a 22 de dezembro de 2015 foi declarado, em 2015, o dia 11 de fevereiro como o **Dia Internacional das Mulheres e Raparigas na Ciência** com o objetivo de reduzir a desigualdade de gênero nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

Este dia destaca o papel importante que as mulheres têm na produção de conhecimento científico. Por outro lado, pretende-se sensibilizar os decisores políticos e os cidadãos para importância de derrubar barreiras impostas pela desigualdade entre gêneros no acesso à educação e carreiras na área das ciências exatas.

PRECONCEITO DE GÊNERO

O acesso desigual à educação, tecnologias e posições de liderança afastou inúmeras mentes femininas das carreiras ligadas à ciência e impediu o seu progresso.

Mas apesar dos contratempos, algumas fronteiras do conhecimento científico começam a ser ultrapassadas para dar lugar à busca de soluções para desafios globais. Para as Nações Unidas, o trabalho delas mudou a maneira como o mundo é visto, e por isso mesmo, as suas histórias merecem ser reconhecidas. Em 2020, a ONU apresentou uma lista com sete exemplos de mulheres cientistas que todos deveriam conhecer. **Diversos trabalhos destas cientistas têm uma forte componente ambiental, concretamente na gestão sustentável dos recursos naturais.**

Márcia Barbosa (14 de janeiro de 1960)

Márcia Barbosa de nacionalidade brasileira é uma física especializada em estruturas complexas da molécula de água. Márcia Barbosa acredita que as anomalias da molécula podem ajudar a resolver os problemas de escassez de água doce.

Tu Youyou (30 de dezembro de 1930)

Tu Youyou é uma química-farmacêutica e investiga o tratamento da malária numa técnica enraizada na medicina chinesa antiga. A sua descoberta da artemisinina, um composto que reduz rapidamente o número de parasitas do plasmódio no sangue de pacientes com malária, salvou milhões de vidas.

Kiara Nirghin (25 de fevereiro de 2000)

A sul-africana, Kiara Nirghin, de apenas 20 anos, venceu a Google Science Fair 2016 por criar um polímero superabsorvente que pode reter mais de 100 vezes sua massa, conservando a água e mantendo plantações agrícolas saudáveis durante períodos de seca.

Katherine Johnson (6 de agosto de 1918 - 24 de fevereiro de 2020)

Katherine Johnson foi a primeira mulher afro-americana a frequentar a escola de pós-graduação e foi uma das poucas a trabalhar no programa espacial da NASA, enfrentando a discriminação por causa da sua raça e sexo.

Marie Curie (7 de novembro de 1867 - 4 de julho de 1934)

Marie Skłodowska Curie nasceu na Polónia tendo posteriormente obtido a nacionalidade francesa. Destacou-se na área da física e química e, através da pesquisa em radioatividade, estabeleceu a base para a ciência nuclear moderna, dos raios X à radioterapia para o tratamento do cancro.

Curie morreu de uma doença associada à radiação, mas as suas descobertas continuam a salvar vidas até hoje.

Segenet Kelemu (20 de maio de 1957)

Segenet Kelemu é uma patologista das moléculas das plantas, cuja pesquisa é dedicada a ajudar os pequenos agricultores do mundo a cultivar mais alimentos e a sair da pobreza.

Maryam Mirzakhani (12 de maio de 1977 - 14 de julho de 2017)

A matemática iraniana-americana fez doutorado na Universidade de Harvard e foi uma das líderes nos estudos de dinâmica e geometria de superfícies complexas. Em 2014, ela se tornou a primeira mulher vencedora da medalha Fields, o prémio de maior prestígio em matemática.

Em Portugal iremos dar destaque à cientista portuguesa Branca Edmée Marques.

Branca Edmée Marques (14 de abril de 1899-19 de julho de 1986)

Natural de Lisboa, esta cientista foi licenciada em Ciências Físico-Químicas pela Faculdade de Ciências de Lisboa no ano de 1925.

Ainda antes de concluir a sua Licenciatura, no ano letivo de 1923-24, a convite de Aquiles Machado, estagiou no Laboratório de Química Analítica no Instituto Superior Técnico sob orientação de Charles Lepierre. Depois, com uma bolsa atribuída pela Junta de Educação Nacional, de 1931 a 1935 fez trabalho de investigação em Física Nuclear no Laboratoire Curie do Instituto do Rádio, primeiro sob a orientação de Marie Curie e depois da morte desta, em 1934, sob a orientação de André Debierne.

Curiosidade: O Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço (IA) associa-se, como habitualmente, a estas celebrações, com a realização de uma sessão online com investigadoras do IA, bem como através de várias iniciativas nas redes sociais.

O IA está a desafiar os seus seguidores nas redes sociais a colocarem questões a investigadoras do Instituto. Pode deixar o seu contributo no Facebook ou Instagram do IA (iaastropt) e assistir às respostas na sessão online “Astronomia no Feminino”.

Em “Astronomia no Feminino”, Catarina Lobo, Margarida Cunha, Lara Sousa e Gabriella Gilli vão responder às questões colocadas e testar os conhecimentos dos participantes num divertido quiz, que terá prémios para quem responder corretamente a mais perguntas. Esta sessão contará também com a presença de Teresa Lago, Secretária-Geral da União Astronómica Internacional.

A sessão terá lugar no dia **11 de fevereiro**, às **21h**, no canal de YouTube do IA.